

## 1. IRMÃO CARLOS SOB O SIGNO DA CONVERSÃO PERMANENTE

“É preciso mudar muito para permanecer o mesmo”

A vida do Ir Carlos se constituiu de muitas conversões. Um dos traços marcantes do seu itinerário espiritual é a incansável capacidade de mudar. “É preciso mudar muito para permanecer o mesmo”, ensina-nos D.Helder Câmara. A vida do Ir Carlos foi um peregrinar constante. Viveu com radicalidade e inteireza as várias etapas de sua conversão. Cada ponto de chegada, assumido como se fosse definitivo, se transformava em plataforma para uma busca de maior entrega ao Bem-Amado Irmão e Senhor Jesus e aos pobres: da França para a Síria, da Trapa para Nazaré, da Terra Santa para a África, de Béni-Abbès para Tamanrasset, dos privilégios de uma vida acomodada para a simplicidade de uma vida pobre e desinstalada, de uma concepção de evangelização doutrinária e impositiva para outra mais dialógica, de inserção e testemunho.

Quando começou a viver no Saara, o Ir Carlos tentou converter os muçulmanos. Até cogitou que, com a ajuda dos militares franceses, pudesse fazê-lo mais facilmente. Com o passar do tempo, deu-se conta de que seu método estava equivocado. Descobriu que a missão era muito mais exigente do que imaginava. Passou a ser mais paciente e gastou vários anos na convivência fraterna com os tuaregues, aprendendo e ensinando. Aprendeu a língua deles e codificou-a em dicionário, que ainda não existia. Codificar uma língua oral é tarefa árdua, que exige extraordinária sensibilidade para perceber e distinguir os sons. Ele entrou no coração e sintonizou com os sentimentos da cultura tuaregue. Em seguida, descobriu os valores, a filosofia e a sabedoria dessa cultura através de suas lendas, provérbios e poesias, que constituem um presente de Deus para toda a humanidade: “Semina Verbi”.

Vamos nos deter num momento privilegiado de sua vida na África. É uma das passagens mais difíceis, um momento doloroso e crucial muito próximo da morte, uma verdadeira Páscoa – passagem de Deus em sua vida e travessia que gera mudança, deixa marcas indeléveis, talvez a última etapa de sua conversão.

### A doença

Segunda-feira, 20 de janeiro de 1908. O Ir Carlos está pregado em sua cama. Sua casa, seis metros por dois, abriga a cama, a capela, a mesa de trabalho, a biblioteca, muitos papéis escritos. Não pode se quer levantar-se, sem risco de desmaiar. Percebe que seu fim está próximo. Anota em seu caderno: “*Sou obrigado a interromper meu trabalho. Jesus, Maria, José, dou-vos a minha alma, o meu espírito, a minha vida*”.

Está com 50 anos e na metade de sua caminhada no Saara (1901-1916). Restam-lhe ainda oito anos de vida. Desde o início do ano sente fadiga, dorme muito mal, não tem apetite. Não sabe se isso se deve ao frio, ao excesso de trabalho ou à falta de sono. Está com escorbuto, consequência da falta de alimentação que se manifesta em forma de anemia. Ultimamente tinha deixado de ingerir trigo e tâmaras, pois percebera que os pobres não tinham o que comer e distribuía com eles o que havia estocado, sem se dar conta da reserva necessária para si mesmo. “*Já faz dois anos que não chove. É a fome total para um país que vive principalmente de leite, onde os pobres quase que exclusivamente se alimentam de leite. As cabras estão secas como a terra e as pessoas, como as cabras*”.

Segundo suas teorias ascéticas, quanto menos se come, mais perfeito se é. Agora, a situação fizera com que mudasse de idéia e, no início de janeiro, escrevera a Laperrine solicitando víveres diversos, entre os quais, leite em pó e vinho. Quinze dias depois, quando a carta chegou ao destinatário, ele compreenderá a gravidade da situação e escreverá ao Mons Guérrin: “Peço-lhe que me autorize para dizer-lhe que não se permite a penitência que pode levar ao suicídio progressivo”.

Trata-se do excesso de trabalho, além da pouca alimentação. Trabalhava num texto em prosa, a que se obrigara após a morte de Motilinski. Onze horas de concentração por dia. Ba-Hamou, um

“tuaregue inteligente e muito falador” que o ajudava também e se esgotou e foi-se embora. Ficará inacabado este enorme trabalho e irão perder-se as milhares de folhas ordenadas sobre a mesa?

### **A solidão**

A doença tem também causas psicológicas. Ficou seis meses sem ver passar ninguém, além de dois europeus. O correio partia em ocasiões pouco seguras e chegava raramente. No dia 07/01 recebera a última carta da prima que antes lhe escrevia a cada 15 dias. Há 18 anos não se viam. Sente-se privado do apoio eficaz desta afeição vital. A ferida permanece aberta como no dia da despedida. O que o mantém na esperança e em paz é o pensamento de que tendo entregado a Deus tudo quanto possuía de mais querido, jamais buscara amenizar o sacrifício de sua entrega. Porém, nunca sentira tão forte o isolamento e a ausência de seus entes queridos. A correspondência era o único meio que tinha para comunicar-se, expressar-se. Nada sabe do Pe Huvelin. Só lhe restou Jesus no sacrário com quem fala noite e dia. Mas, nesta hora sente a necessidade de alguém com quem dialogar. Desejava escutar uma voz fraterna e amiga...

Nenhum vizinho o visita há meses. Os sedentários da vila, umas 40 pessoas, ao perceberem que as esmolas haviam acabado, não encontravam mais motivo para visitá-lo. Os nômades, dispersados pela seca, também não manifestavam nenhum interesse em ir vê-lo. Ele imaginava que fosse por causa do frio.

Sua decepção é grande. Veio para estas montanhas em busca de um povo, ao qual sentiu-se enviado. Ao longo das viagens que empreendera nos anos precedentes, encontrou numerosos homens e mulheres e agora amarga a impressão de que seus esforços para tornar-se próximo tinham sido em vão. O que o machuca ainda mais é perceber que sua presença provoca reação de isolamento. Musa Ag Amastan, chefe do Hoggar, desde 1905 se instalara perto de Tamanrasset com a intenção de transformá-la numa cidade muçulmana. Trouxe mestres para ensinar o árabe e o Corão. Eles divulgam entre a povo aversão contra tudo o que é francês e cristão.

### **Angústia pela salvação dos homens**

Neste estado de esgotamento físico e moral, a preocupação pela salvação das pessoas se converte em verdadeira angústia. *“Existem regiões onde as almas desprovidas dos meios de salvação, escravas do erro e do vício, caem todas no inferno. Cristo morreu por elas. O que não devemos fazer por elas, cujo preço é o sangue de Cristo? Rezo para que o Senhor mande operários para a sua messe”*.

O Ir Carlos teve, então, uma idéia: dirigir-se aos leigos, suscitando um movimento a fim de que os cristãos tomassem consciência do seu dever frente aos povos colonizados. Os sacerdotes e religiosos/as não haviam respondido ao seu convite. Restavam os leigos. Pensa criar uma associação de leigos e sacerdotes que se ajudarão mutuamente nessa missão. Será que vai morrer antes de colocar esse projeto por escrito?

### **Uma vida inútil**

Reduzido a tal impotência, julga que é o fim de sua obra, e até de sua vida, visto que ainda realmente não se converteu. Não teria sido melhor escolher um tipo de vida mais útil, num lugar melhor? O que veio fazer aqui? Depois de 20 anos de reencontro com a fé, o que fez de concreto? Colocou-se longe de todos, num deserto. Para salvar sua vida, tinha buscado a proteção de uma “clausura”. Ainda uma vida de eremita na solidão, longe do mundo, longe dos homens. Será que o fato de pretender sentir-se responsável por uma missão especial de buscar os que estavam longe, mais afastados, onde ninguém desejava ir, não seria um pretexto para se julgar melhor que os outros? Sentir-se capaz da fazer o que os outros não podiam?

## **Sem Eucaristia**

Havia partido, depois de sua ordenação, para levar o banquete da Eucaristia aos mais afastados. Quem se interessa pelo dom que deseja partilhar? Por que veio a este lugar onde se quer pode celebrar a Eucaristia? Depois de seis meses em Tamanrasset, celebrou apenas cinco vezes, aproveitando a passagem dos cristãos que desejavam “assistir” a sua missa. Não teria sido melhor permanecer em Beni-Abbès, onde podia ao menos celebrá-la diariamente? Não seria isso o mais útil que poderia fazer para a salvação das pessoas? Inclusive no Natal, esteve só e sem Eucaristia, pela primeira vez, depois de sua conversão. Apesar de tudo escolhera regressar e permanecer ao lado destas pessoas indiferentes.

Antes de cair imobilizado em sua cama, não deveria ter tirado o Santíssimo do Altar? O que aconteceria se viesse a falecer? A Eucaristia é a única razão de sua vida. Será que deverá privar-se até dela, dessa presença de Jesus?

Ele ainda acredita firmemente que a presença sacramental ilumina o mundo. O Sacrário está ali, a dois metros de sua cama e esta presença o enche de alegria. Espera obter um dia a permissão para celebrar sozinho. Jesus é o Mestre do impossível. Mal sabe ele que esta autorização é muito difícil de se conseguir. Esta privação está de tal modo contrária às suas convicções que nem se atreve a tocar neste assunto nas cartas aos seus familiares e amigos. Mal sabe ele que, algumas semanas mais tarde, ser-lhe-ia comunicado que não mais poderia guardar o pão consagrado no sacrário, enquanto estivesse só... Nada mais lhe restava que revisar suas convicções e opções.

## **Meu Pai, a vós me abandono!**

O Ir Carlos provavelmente não rezava a “Oração do Abandono”, que seus discípulos descobrirão entre seus escritos. Além de outras formas, é a única nesta hora crucial: *“Tomai minha vida, Senhor. É tudo o que posso vos oferecer. Não sou melhor que os outros. Eis-me aqui, de mãos vazias. Eis-me aqui ao entardecer desta vida tão miserável, tendo produzido tão poucos frutos. Se o grão de trigo caído na terra não morrer, ficará só”*.

Desejou tanto este momento que lhe permitiria, afinal, encontrar-se com o seu Bem-Amado Irmão e Senhor. É nesta certeza que se agarra desesperadamente, no pouco tempo de vida que lhe resta. No entanto, jamais tivera tantas razões para continuar vivendo. Não é possível morrer assim sem nada, por mínimo que seja! Ainda há tanto a fazer por aqueles homens e mulheres... *“O bom Deus, porém ama a todos mais que eu. Não sou necessário. Que se faça a sua Vontade. O que de mim fizerdes, eu vos agradeço. Estou pronto para tudo, contanto que a vossa vontade se faça em mim e em todas as vossas criaturas”*.

Mas Deus não estava ausente. Presenciava tudo em silêncio, mas agia por meio das pessoas. Assim, Ba-Hamou alertou a todos sobre o que se passava com o Ir Carlos. Musa Ag Amastan, consciente de sua responsabilidade com seu amigo, apressou-se em fazer o que podia para salvá-lo. O que ocorreu naqueles dias é difícil de avaliar, tanto para a vida daquele povo, como para o Ir Carlos. *“Mandaram buscar todas as cabras que tivessem um pouco de leite, nesta terrível seca, num raio de quatro quilômetros. As pessoas foram muito boas para mim”*. O Ir Carlos ficou sensibilizado pela surpreendente bondade, não percebendo, porém, a radical mudança que estava ocorrendo nas suas relações pessoais e a profunda conversão que estava acontecendo com ele mesmo.

## **No entanto, tão rico**

O Ir Carlos quer ser pobre para imitar Jesus que sendo rico se fez pobre. Era sua única referência. E de fato, viveu mais pobremente que alguns de seus vizinhos, porém eles jamais viram nele um pobre. Se não se alimentava bem e vestia-se da maneira mais despojada, nada tinha a ver com a pobreza. Sua casa estava sempre cheia de coisas para dar aos outros. Era visto como um benfeitor. Dá aos pobres tudo o que tem, o que solicita aos familiares e amigos da França. Era a sua

característica de marabut cristão que o diferenciava dos marabuts locais, que recebiam ajuda do povo em troca de suas bênçãos e ensinamentos.

Em 1904, em seus escritos sobre a maneira de viajar pelo Saara, conclui: “*Não aceitar nada, a não ser que seja imprescindível, e assim mesmo, coisa de pouco valor*”. Receia envolver-se ou deixar-se comprar. Como, porém, realmente compartilhar sem estar disposto a receber alguma coisa? Pretendia ser pequeno e acessível a todos, no entanto constata a distância que o separa daqueles aos quais desejava ser próximo.

Apesar das esmolas que distribui, apesar do hábito religioso, apesar de permanecer só e sem armas, é visto como representante da dominação estrangeira da qual a população desconfia e tem medo. Aos olhos do povo, representa o poder dominador. Chegara lá junto com os militares e se perguntava a si mesmo se eles saberiam um dia fazer a distinção entre os sacerdotes e os militares.

O Ir Carlos deveria primeiro descobrir pessoas de uma civilização diferente, vivendo outra fé e outra cultura, antes de programar qualquer atividade que visasse a instrução e o desenvolvimento da população. Foi visto como conquistador. Veio para “domesticar”, como diziam os militares. Como poderia esperar que os outros o escutassem se, primeiro não estivesse disposto a ouvi-los?

### **Mudança e Conversão**

Naquele dia nada tinha, nada podia fazer. Justamente naquele momento em eu estava reduzido a uma total impotência, inteiramente dependente dos vizinhos, foi quando eles se sentiram responsáveis por ele e puderam, finalmente, entrar em sua vida. Puderam oferecer-lhe alguma coisa, repartir com ele, abordá-lo em relações de igualdade. Partilham o que têm de melhor: um pouco de leite para salvá-lo da morte. Fazem o que podem segundo seus conhecimentos e o que é melhor para o seu bem.

O mês de janeiro termina como uma ressurreição. O doente recobra alguma força. No dia 31 recebe mensagem de Lapérrine, comunicando-lhe a autorização para celebrar a Eucaristia sozinho. “*Nascimento, nascimento! Deo gratias*”, anota em seu caderno. No dia primeiro de fevereiro começa a celebrar sozinho. Aos poucos vai retomando suas atividades, mas renunciando a várias coisas. Em março chegam dois camelos com as provisões, quatro vezes mais do que havia solicitado. As visitas tornam-se cada vez mais freqüentes. No fim de junho Lapérrine escreve ao Mons Guérin: “Comporta-se bastante bem e resplandece de saúde e de alegria”.

A debilidade e a enfermidade possibilitaram-lhe viver uma nova relação com os tuaregues, uma verdadeira conversão, um passo à frente na partilha, na reciprocidade da amizade. Antes, decidira deixar tudo. Agora, aceita receber o cêntuplo também neste mundo. Deixa de ser voluntarista na busca da perfeição religiosa e dos projetos excessivamente calculados. Aprende a aceitar-se a si mesmo, sem pretender ser um super-homem. Torna-se mais humano, dormindo o necessário, alimentando-se corretamente. Começa a aceitar os outros como são. Aprende a compartilhar com todos não apenas o pão e o leite, mas também as boas e más notícias, os projetos, os desejos, as reivindicações, e se faz porta-voz de uns e de outros. Não se contenta em mandar conselhos a Musa, mas também anota os conselhos que recebe de Uksen e ainda anota as informações de Ba-Hamou. Expressa esse novo estado de espírito no que disse ao Dr Dhauteville, protestante: “*Não estou aqui para converter os tuaregues, mas para compreendê-los e melhorá-los. Sobre tudo, desejo que os tuaregues consigam um lugar no paraíso. Estou certo de que Deus acolherá no céu os que forem bons e honestos, sem que seja preciso serem católicos romanos. Você pastor protestante, Teissère é incrédulo, os tuaregues são muçulmanos, mas estou persuadido de que Deus nos receberá a todos se o merecermos*”. O Ir Carlos deixou-se acolher, criar laços. É ele quem se deixa conduzir.

## Uma parábola do Reino

O Ir Carlos certamente não percebeu o alcance destes acontecimentos e nem o seu significado. Vamos tentar fazê-lo em seu lugar e descobrir nele uma parábola do Reino e uma luz que ilumina a sua e a nossa vida. Naquela época não se falava em interpretar os sinais dos tempos, nem em discernir os sinais do Reino para se reconhecer o Espírito que age no coração de cada pessoa. No entanto, parece que o Ir Carlos se destacou nesta interpretação e neste reconhecimento, expressando-o em sua linguagem diferente da nossa. Mons Guérin reconhecia que o Ir Carlos “como todos os que se deixam conduzir pelo Espírito de Deus, sabia apreciar maravilhosamente as circunstâncias”.

Se não verbalizou a importância do que estava vivendo naquele momento é também porque estas realidades do Reino não se deixam captar facilmente. Estão escondidas como o trigo na terra e o fermento na massa. A pequenez destes sinais, sua insignificância é muito característica: um pouco de leite, um pedaço de pão... Pensemos na viúva de Sarepta que colocou diante de Elias tudo o que tinha. Era tão pouco. Pensemos naquele menino que entregou alguns pães para alimentar uma multidão faminta. Gestos insignificantes que fazem milagres. São imperceptíveis, visto que demasiado comuns: uma visita, uma palavra, um gesto, um sorriso, lágrimas... Recorda o que lhe havia dito o Pe Huvelin: "O importante não é aquilo que se diz nem aquilo que se faz, mas aquilo que a gente é ". Convertido verdadeiramente num pobre doente, permitirá aos que o vieram salvar, escutar um dia: “Vinde, benditos do meu Pai, recebei em herança o Reino que meu Pai vos preparou desde a criação do mundo! Pois eu estava com fome e me destes de comer... Estava doente e cuidastes de mim”(Mt 25,34). Já não é apenas uma parábola, mas a realidade do Reino.

Necessitamos em nossas vidas de certas mudanças, que nos obriguem a dar um passo à frente, como se fosse uma morte. Quando se estreita o espaço para existir, quando não se pode fazer nada, quando a situação parece desesperada, quando nossa competência e nosso zelo se convertem em obstáculos, é bom recordar um antigo ensinamento que o Ir Carlos atualizou e se torna fonte de esperança. Os profetas nos ensinam que quando não se pode mais nada, aí é que Deus intervém. São Paulo se vangloria em sua fraqueza. "Quando estou fraco, então é que sou forte, porque tudo posso naquele que me dá força". Nesta mesma perspectiva também o Ir Carlos nos diz: *“A debilidade dos meios humanos é a causa da força. Nosso despojamento é o meio mais poderoso que temos para nos unimos a Jesus e fazer bem às pessoas. É o que São João da Cruz repete constantemente: quando se pode sofrer e amar, se pode muito”* (Carta a Marie de Bondy em 01-12-1916, dia de sua morte).

Em outro momento difícil de sua vida, quando se submeteu totalmente à obediência, um mês antes de deixar a Trapa, em 1886, escreveu: *“Quando Jacó está a caminho, pobre, sozinho, quando se joga ao chão desnudo do deserto para repousar depois de um longo caminho a pé, no momento em que se encontra nesta dolorosa situação de viajante solitário, num país estrangeiro e selvagem, sem hospedagem, neste momento em que se encontra nesta desoladora situação, Deus o cumula de graças incomparáveis (Gn 28).*

1. O Ir Carlos é homem do Vento, conduzido pelo sopro do Espírito  
Onde coloco mais obstáculos para me deixar conduzir pelo Espírito?
2. "É preciso mudar muito para permanecer sempre o mesmo" (D. Helder Camara).  
Estou pronto, disponível, generoso para novos passos que ainda devo dar na caminhada da minha conversão?
3. "Os pobres são os nossos mestres" (São Vicente de Paulo). "Os pobres nos evangelizam" (Doc. Puebla).  
Que lugar ocupam os pobres em minha vida e ministério?